

**O CRISTÃO E O ARTISTA**  
**A Última Prova**

**Juarez Fragata**

**Edição 2024**



## ÍNDICE

<b>1 – O CRISTÃO E O ARTISTA.....</b>	
<b>2 – DO CÉU AO INFERNO.....</b>	
<b>3 – SUCESSO E FRACASSO.....</b>	
<b>4 – LONGOS ANOS.....</b>	
<b>5 – A RUÍNA.....</b>	
<b>6 – O RESSURGIMENTO.....</b>	
<b>7 – O LIVRO.....</b>	
<b>8 – O RECOMEÇO.....</b>	
<b>9 – UM AUTOR CRISTÃO.....</b>	
<b>10 – O COOPERADO.....</b>	
<b>11 – A PROVA DE FOGO.....</b>	
<b>12 – AS PEQUENAS RAPOSINHAS.....</b>	
<b>13 – O ÚLTIMO AVISO.....</b>	
<b>14 – A ÚLTIMA PROVA.....</b>	



## O CRISTÃO E O ARTISTA

Apesar de compartilharem das mesmas aflições, nem todo o cristão é um artista, e nem todo o artista é um cristão.

As aflições são as mesmas, contudo, a maneira que um grupo se comporta é diferente do outro, e é aí que está o fator preponderante que faz toda a diferença.

Dentro do cristianismo existem diversas correntes teológicas. Por exemplo, umas creem que um discípulo de Jesus não pode ser afligido pelas intempéries do dia a dia. Se alguém está passando por condições desfavoráveis, isto é, por momentos adversos, é porque esse alguém está em pecado.

Já outra corrente, diga-se de passagem, mais condizente com o evangelho de Cristo, crê e apregoa que as aflições fazem parte da vida do crente, e não há possibilidade de fugir delas, restando uma única opção: atravessá-las.

Davi, no Salmo (34), verso (19), diz o seguinte: *Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas.*

Deus não evita as aflições na vida do cristão, mas os livra em meio aos momentos desconfortáveis, no entanto, a durabilidade dos acontecimentos desastrosos, calamitosos, estão nas mãos do Criador.

O próprio Jesus Cristo disse aos seus discípulos: *Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo* (João 16/33).

Os discípulos de Cristo aceitam as aflições com a esperança de que a qualquer momento a libertação por parte do Senhor chegará, já o artista, muitas vezes adota a aflição como musa inspiradora, e faz questão de tê-la sempre por perto numa espécie de contrato com apenas uma cláusula: até que a morte os separe.

Em seu livro “*Grande Magia*”, Elizabeth Gilbert escreve o seguinte: *Muitas pessoas criativas foram ensinadas a suspeitar do prazer e só confiar no sofrimento. Há diversos artistas que acreditam que a angústia é a única experiência emocional verdadeiramente autêntica.*

E não são só os autores que são ensinados a só confiar no sofrimento. Os leitores, muitas vezes, são induzidos a usar esse mesmo critério para definir se um autor é relevante ou não, e quando se mede a capacidade de um autor com essa régua o sofrimento é esquadrinhado em todos os pormenores. A intensidade, a durabilidade, as razões e as consequências validam a obra dos autores diante dos críticos e leitores.

Elizabeth Gilbert conta que no ensino médio um professor de inglês afirmou que ela era uma boa escritora, contudo, o sucesso como autora estava fora de questão, uma vez que não tinha sofrido o suficiente.

Em seu livro “*O Caminho do Artista*”, Julia Cameron escreve: *A identidade do artista sofredor é a raiz de muitos males: alcoolismo, promiscuidade, problemas fiscais,*

*agressividade e um comportamento autodestrutivo em assuntos do coração.*

Essa é a reação da maioria dos artistas sofredores, contudo, em contrapartida o cristão responde de maneira completamente antagônica ao artista sofredor.

O saudoso evangelista norte-americano Billy Graham, em seu livro "*O Segredo da Felicidade*", escreve: *Em lugar algum Deus prometeu a qualquer pessoa, e mesmo a Seus filhos, imunidade à tristeza, aflição, sofrimento e dores. Este mundo é mesmo "um vale de lágrimas", e a decepção e as dores de coração são inevitáveis como sombras e nuvens. O sofrimento muitas vezes é o cadinho em que se prova a nossa fé. Aqueles que destemidos enfrentam "a fornalha da aflição", e por ela passam vitoriosamente, são os que poderão se apresentar "como ouro purificado no fogo".*

Para um grande contingente de cristãos as aflições são as mãos de Deus aperfeiçoando-os, para cada vez mais parecer-se, com Jesus Cristo.

O próprio Cristo passou por esse mesmo processo.

*O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia.*

*Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu (Hebreus 5/ 7-8).*

O texto bíblico diz que antes da crucificação Jesus orou pedindo livramento, e está escrito que Deus ouviu-O, quanto ao que temia, contudo, não O livrou, deixando bem claro aos cristãos que não houve livramento, mas que o Altíssimo deu força para Jesus cumprir a tarefa a Ele proposta, e foi dessa maneira que o Salvador do mundo aprendeu obediência.

É claro que diante do estado psicológico de alguns isso é algo extremamente cruel, e inconcebível, como foi para o rabino Harold Kushner.

Em seu livro “*Quando Coisas Ruins Acontecem Às Pessoas Boas*”, o rabino escreve: *Se um artista humano ou um empresário fizesse uma criança sofrer para que algo imensamente impressionante ou valioso viesse à luz, certamente o colocaríamos na prisão. Por que então deveríamos desculpar a Deus por causar tais sofrimentos imerecidos, não importa quão maravilhoso o resultado final pudesse ser?*

Um cristão não enraizado na fé certamente daria crédito as palavras de Kushner, e repensaria a doutrina do sofrimento, uma vez que, o que ele escreveu não é plausível em sua totalidade, mas tem lá um fundo de verdade.

Se um grupo de seres humanos imputassem sofrimentos a outros de sua espécie, mesmo que fosse para trazer à tona algo extraordinário, isso seria motivo de revolta, e certamente os praticantes de tais atos seriam arrastados aos tribunais.

Agora, entra o questionamento do rabino. Se seres humanos imputassem sofrimentos aos de sua espécie, eles seriam arrastados aos tribunais, e com certeza seriam julgados, condenados, e enviados para prisão. E por que Deus deveria ser desculpado pelos sofrimentos imerecidos aos seres criados a sua imagem e semelhança?

É claro que devemos dar um desconto ao ressentimento do rabino Harold Kushner, uma vez que o seu primogênito Aaron, tinha uma doença chamada progéria (envelhecimento rápido), e o prognóstico médico é que ele se pareceria com um velho sendo ainda uma criança e que morreria no início da adolescência, por isso, o texto do rabino expressa uma certa dose de ressentimento, e questionamentos.

Já a missionária Elisabeth Elliot, que durante a sua vida também passou por maus bocados, escreve em seu livro *“O Sofrimento Nunca é Em Vão”*: *Todas nós conhecemos pessoas que passaram por situações terríveis e saíram delas como ouro puro. Acredito que cada uma de nós conhece alguém assim, que passou por coisas horrendas, mas aquele fogo refinou aquele aço ou aquele ouro. Nós também conhecemos pessoas que passaram por situações igualmente ruins, talvez nem tão ruins, mas se revelaram iracundas, amargas, ressentidas, lamuriantes e, geralmente, de difícil convivência.*

*Qual foi, então, a diferença? Não foram as experiências. Foi a reação delas. E a resposta de um cristão deveria ser ação de graças. “Obrigada, Senhor. Eu receberei isso”.*

Isso que a missionária escreve é uma verdade que fica mais em relevo na área artística.

Não são poucos os artistas que tiveram que, muitas vezes, exercer uma função simples para sobreviver enquanto esperavam uma oportunidade, e quando conseguiram alcançar seus objetivos se tornaram artistas amargos, e cheios de empáfia. O prazer deles é humilhar e pisar nas demais pessoas.

Ainda bem que nem todos os artistas são assim.

Elizabeth Gilbert fala em seu livro “*Grande Magia*”, da primeira vez que se encontrou com a escritora Ann Patchett: *Não é de surpreender, portanto, que eu não tenha imediatamente reconhecido Ann como a célebre autora na primeira vez que nos encontramos. Ela parecia tão despreziosa, minúscula e jovem que achei que fosse a assistente de alguém – talvez até a assistente da assistente de alguém. Quando finalmente me dei conta de quem era, pensei: Meu Deus! Ela é tão simples!*

*Mas estava enganada.*

*Uma hora depois, Patchett subiu à tribuna e deu uma das palestras mais poderosas e fascinantes que já ouvi. Abalou a sala e me abalou também. Foi então que percebi que aquela mulher era, na verdade, bem alta. E forte. E linda. E passional.*